

## 5

### Considerações finais

A epígrafe do capítulo 4 ilustra bem uma imagem recorrente na obra de Borges e que se fez presente ao longo de todo este estudo: o universo como algo a ser lido pelos homens e no qual eles também escrevem sua história. Um universo que joga com símbolos, dos quais os homens fazem uso e sistematizam como linguagem: criam metáforas, decodificam mensagens que estão contidas no enigma desses símbolos, decifram e apresentam de volta ao universo essas mensagens/ esses símbolos na forma da palavra, do nome, da escrita. Escrita que muitas vezes é considerada frágil como instituto cognitivo devido ao seu alegado caráter meramente de reprodução da fala; escrita que, outras vezes, se mostra com o poder de sustentar, definitivamente, a linguagem. Basicamente, buscamos manter a hipótese desta dissertação num lugar onde não houvesse uma assumida defesa de uma posição ou de outra, mas antes, bem ao estilo de Jorge Luis Borges, se exibisse a incerteza, o contraditório, já que a linguagem, nas palavras do próprio autor, é “enigmática, irracional e mágica”.

A ideia central do presente trabalho foi mostrar como o fenômeno da escrita, especialmente sua instabilidade lógico-conceitual, é visto na obra de Borges, tomando como destaque textos do autor que trazem como tema a cabala ou, minimamente, elementos simbólicos daquela tradição. Entendemos que o escritor argentino utiliza uma linguagem que, por si só, já é provocativamente simbólica. Nesse sentido, Borges parece aproximar-se de um movimento que Martins (2009, p. 138) reconheceu na literatura de Beckett: ele provoca a interpretação simbólica, incita-a, mas frustra qualquer tipo de paz hermenêutica, gerando um “efeito suspensivo de uma escrita que parece dizer ao mesmo tempo *interprete! e não interprete!*”.

A proposta, aqui, foi mostrar como esse *corpus* que se apresenta – ensaios, contos e poemas de Borges – contribui para desestabilizar uma noção teórica da inferioridade da escrita em relação à fala e a percepção, tão antiga quanto o que hoje conhecemos como Linguística contemporânea, da arbitrariedade do signo. O que se anunciou, desde o início, foi que esse caminho se abriria com uma observação de questões que buscam apresentar diferentes perspectivas teóricas

sobre a dicotomia fala/escrita, passaria por examinar perspectivas de linguagem na visão do próprio Borges, em especial no tocante ao tema da metáfora e, finalmente, chegaria à análise da percepção da escrita segundo os textos do autor.

Entendemos que, sem se apegar a nenhum viés teórico nessa matéria, muitas vezes o autor se alinha com uma visão de linguagem, e por extensão, uma noção da escrita, que transborda o limite do representacionismo. Talvez seja mais correto dizer que, em vez de alinhar-se a uma visão teórica, ou de meramente ilustrá-la, Borges oferece um pensamento singular que dialoga com discursos teóricos anti-representacionistas. A linguagem é um sistema que se regula pela práxis, está ligada a uma forma de vida, mais que um sistema de representação.

Para mostrar isso, o primeiro passo que tomamos foi apresentar primeiro a visão tradicional, especialmente no que concerne à escrita, para em seguida mostrar as dissidências contemporâneas. Saussure, no *Cours*, já apontava para a necessidade de se estudar a linguagem escrita, mas por seu poder de representar a fala e não pela sua força ontológica em si: destacam-se as características que promovem uma “importância imerecida da escrita”.

A ele se seguiram outros teóricos que foram ilustrados na presente análise: Edward Sapir, por exemplo, aponta que as formas escritas são secundárias à fala: são símbolos de símbolos. André Martinet reconhece a importância da escrita para os estudos de linguagem somente no que influencia a fala, mas destaca que raramente é o caso. Leonard Bloomfield ressalta uma contribuição meramente técnica, e não cognitiva, da escrita para a linguagem.

Na contramão dessa tendência hegemônica, convidamos Sylvain Auroux, que destaca a progressiva *gramatização* da vida ocidental com a sedimentação e expansão dos recursos gráficos, o que propiciou o papel de destaque da escrita na nossa experiência com a linguagem. Jacques Derrida desarruma a ordem do logocentrismo e do fonocentrismo na metafísica ocidental, ressaltando a importância da gramatologia e a noção de que a escrita dá o movimento da linguagem. O combate ao representativismo é reforçado por Michel Foucault, com a perspectiva histórica que leva a escrita de um lugar menor como sistema de representação a um lugar privilegiado.

Para completar o quadro teórico, contamos com Roland Barthes, que nos adiantaria um percurso que encontraríamos novamente em dois momentos: no

debate sobre os nomes próprios e na questão da diferença entre o discurso falado e escrito na literatura.

Assim sendo, pusemo-nos a situar, na própria literatura de Borges, trechos que refletem algumas perspectivas sobre a linguagem, que seriam de fundamental importância para o debate posterior sobre o papel da escrita na obra desse autor. Em primeiro lugar, vimos como o escritor trata a questão da alegoria e da metáfora, rendendo-se, ele mesmo, a uma linguagem simbólica e metafórica. Foram debatidas aqui visões diferentes do próprio Borges em relação a esse recurso. Ora funcionando como um “agrado menor” na linguagem, ora como elemento central, já que se mostra também uma abordagem nietzscheana de que o homem “tem um impulso a metaforizar”, vislumbra-se, desde sempre, o caráter instável das reflexões borgeanas sobre a linguagem.

A metáfora, o simbolismo e o “caráter mágico da linguagem” foram alguns elementos que trilharam o caminho para a leitura do gênero sagrado em Borges, que seriam, em última análise, o principal objeto de nossa dissertação. Na tentativa de demonstrar essa desestabilização, apresentamos primeiro as observações que o autor faz sobre a literatura camponesa de seu país, para ver como se dá o encontro entre o discurso falado e o discurso escrito. Aqui, mostrou-se a importância do que Barthes chama de “humanismo” no discurso literário: uma aproximação do verbo do escritor com o verbo dos homens, que contrariava uma tendência hegemônica até Proust.

O entusiasmo de Borges com a possibilidade de apagamento da forma escrita, no caso da literatura gauchesca, que poderia, segundo o autor, permanecer inteiramente no domínio oral, esbarra na exaltação recorrente em sua obra ao universo como uma biblioteca, o mundo como necessariamente escrito em um livro. Ao examinar a relação de Borges com os textos clássicos, não se reduzindo somente aos gregos, mas dando destaque a eles, vemos uma possibilidade de conciliar duas realidades diferentes porque fazem parte de épocas diferentes: o legado dos gregos é oral porque era época da tradição oral; o legado moderno é da escrita, porque vivemos essa era, sem que nenhuma das duas categorias seja necessariamente privilegiada.

No entanto, a primazia da escrita volta a aparecer justamente com os textos que fazem referência à cabala. Aqui se destaca também a outra tese que nos dedicamos a discutir ao longo do presente estudo: a da arbitrariedade do signo.

Os procedimentos hermenêuticos dos cabalistas, se em princípio tendem a se encaixar no paradigma representacionista, em última análise sugerem uma importância cognitiva da linguagem escrita, já que são procedimentos de interpretação das letras, da ordem divina, onde inexistente o acaso. A letra, por sua vez, carrega em si um significado, que pode gerar mudanças de acordo com sua ordem na palavra, enfim, conforme combinações gramaticais diferentes. Ou seja, com base nessa análise, não existe a arbitrariedade do signo segundo vimos com Lyons: “dada a forma, é impossível prever o significado; dado o significado, é impossível prever a forma”.

O desdobramento desse tema nos levou a examinar elementos que são intrínsecos à filosofia cabalista e, por isso, aparecem com destaque nos escritos borgeanos sobre o tema: a questão dos nomes próprios e dos nomes de Deus. Especialmente em relação ao primeiro, vimos, novamente, a recusa de seu caráter arbitrário: os nomes têm uma função linguística de conotação e uma cognitiva, de evocação. Em relação ao segundo, destaca-se a impossibilidade de nomear o inominável e o processo de metaforização das escrituras.

Buscando, todo o tempo, um diálogo dos teóricos da linguagem e da escrita com trechos do próprio Borges, conseguimos chegar, em meio aos labirintos borgeanos, a algumas considerações finais, ou quem sabe, dado o caráter instável das próprias reflexões do escritor, a um caminho de passagem para reflexões posteriores sobre os temas aqui propostos: ao interessar-se por pensar a escrita em sua dimensão simbólica, *figurativa*, Borges se afasta, como em seus textos sobre o metafórico, de uma concepção representacionista objetificante. Por fim, este estudo buscou revelar o modo como Borges valoriza, nos dois casos, mais os processos do que os resultados: o autor ressalta o interesse paradoxal dos procedimentos hermenêuticos mesmo em face da impossibilidade de levarem a pontos de chegada, de conduzirem a regiões conceituais estáveis.